

## DESCREVER A CIDADE

Por Claudia Castellanos Pfeiffer\*

MONDADA, Lorenza. *Décrire la ville. La construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte*. Collection Villes. Antropos, Paris, 2000, 284p.

A partir do que a autora denomina de uma “multiplicidade de atores situados em contextos heteróclitos e engajados em atividades diversas”, Lorenza Mondada<sup>1</sup> atravessa os sentidos postos na cidade sob diferentes formas e suportes: entrevistas, interações orais, relatos de viagem, e textos escritos. Desde a Introdução de seu trabalho, a autora apresenta ao leitor uma cidade que elabora simbolicamente seu caráter urbano no dizer de todo discurso – privado ou público – que a atravesse. Discursos que, ao mesmo tempo, *dizem sobre e configuram a cidade*. São estes sentidos que produzem uma inteligibilidade e evidência, segundo a autora, que organizam as práticas urbanas cotidianas, profissionais e científicas.

É importante observar que Mondada envereda seu olhar muito mais para a diferença no processo descritivo dos diversos atores que descrevem a cidade do que busca compreender as descrições em seu conteúdo. Conforme suas palavras, busca identificar os modos de organização da descrição, fundados em categorias descritivas particulares, identificando e compreendendo o funcionamento destes diferentes modos de organização em seus efeitos na cidade, isto é, nos sentidos que a configuram. Interessa para a autora compreender como os atores formulam um tipo ou outro de descrição, ou ainda um tipo mais do que outros, perguntando, para isso, sobre como eles organizam estas descrições em torno de um

\* Doutora em Linguística, na área da Análise de Discurso, pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, é pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade desta mesma Universidade.

<sup>1</sup> Professora em Ciências da Linguagem na Université de Bâle.

ou outro aspecto, de um ou outro esquema, de uma ou outra categoria.

Considerando indispensável uma empreitada interdisciplinar, a autora trabalha com problemáticas e instrumentos de vários campos das ciências sociais: a lingüística, a geografia, a sociologia e a antropologia urbanas. Chama a atenção, logo de início, para a contribuição do campo disciplinar da geografia no que diz respeito à importância da dimensão espacial dos fenômenos urbanos, mostrando como a *espacialidade* é estruturante e estruturada nas materializações e nas conceitualizações da cidade: ela é constitutiva da apreensão prática, sociocognitiva e linguageira da cidade, diz a autora.

De maneira mais geral, a abordagem proposta por Mondada busca compreender os processos pelos quais os locutores constroem o sentido de suas atividades e de suas relações com o mundo, através do que ela denomina de um “trabalho discursivo” sobre as categorias e esquemas lingüísticos que fundamentam estes sentidos. Assim, o vasto trabalho apresentado no presente livro tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre as formas através das quais os locutores se apropriam da língua, bem como a transformam e a reinventam de modo a estabelecer a inteligibilidade e a coerência de

suas realidades sociais, cuja ordem, para a autora, não é dada mas sim construída e realizada nas práticas sociais e simbólicas.

É neste sentido que Mondada busca desenvolver uma abordagem das práticas descritivas enquanto parte da configuração do próprio fato descrito e não como refletora mais ou menos fiel destes fatos, deixando já em seu primeiro capítulo – “Vers une approche de la description” – esta abordagem clara. Para a autora é de fundamental importância se levar em conta que: a) as descrições se apresentam eficazes de modos diversos de acordo com as vozes que as enunciam, que as fazem circular em redes mais ou menos vastas, mais ou menos instáveis; e b) as descrições têm uma performatividade diferente conforme se inscrevem na materialidade da escritura ou na materialidade das visualizações não-verbais, ou ainda conforme produzam uma estabilização através de uma imagem que perdura, que entra em projetos de ação e de intervenção, ou ainda e, finalmente, conforme elas se expressem através de falas orais cuja temporalidade as torna mais efêmeras e contingentes.

Segundo suas análises, as formas orais e interativas permitem explicitar como a descrição da cidade se constrói entre os interlocutores, muitas vezes negociada entre eles; como esta construção ganha sentido ao

se apoiar no discurso do outro e encadeando-se nele, no seio de uma organização seqüencial própria do encadeamento temporal da interação. De outro lado, as formas escritas permitem mostrar como a descrição explora particularidades do texto; suas possibilidades específicas de estruturação; a inscrição espaço-visual do discurso; os modos de organização e de marcas tipográficas da página.

Para Mondada, estas diferentes materialidades reenviam a lugares de enunciação plurais, pois na diversidade das imagens da cidade há uma dimensão *polifônica* das falas urbanas: as vozes que descrevem a cidade são múltiplas, plurais e não-equivalentes.

Para a autora, seu estudo não propõe uma sua definição do que seja a cidade e a urbanidade, mas muito mais compreender a maneira através da qual os atores eles mesmos, engajados no curso de atividades particulares e em contextos sociais singulares, definem com fins práticos, segundo ela, o sentido do urbano e o tecido de características que o articulam. Ao atentar para procedimentos definitórios enquanto processos de um *saber fazer* e não de um *dizer saber*, sua perspectiva conduz a uma compreensão do discurso dos atores enquanto objetos de análise que permitem descrever os procedimentos através dos quais se dão as descrições urbanas. Seu trabalho analisa as descrições efetuadas por aqueles que

Mondada designa de “atores cotidianos” (os habitantes da cidade, seus usuários, aqueles que a freqüentam) como também por aqueles que a autora designa de “categorias de atores que investem a cidade de um discurso do conhecimento” (urbanistas, antropólogos, políticos, fornecedores de serviços). Suas análises, conforme avançam, estabelecem um *continuum* nas categorias que descrevem a cidade designada pela autora de “discurso ordinário” e “discursos do conhecimento”.

Dando uma atenção especial, no que diz respeito aos discursos do conhecimento, ao modo como diferentes áreas do conhecimento constroem discursivamente sua abordagem descritiva da cidade, Mondada dedica os capítulos 2º e 3º, que finalizam a primeira parte de seu livro, para as Ciências Sociais e para a Linguística respectivamente.

Na segunda parte de seu livro, trabalhando mais especificamente dentro de sua especialidade, a autora analisa entrevistas a partir do princípio teórico-metodológico que compreende a entrevista como “um acontecimento social particular em que um saber urbano se constrói a partir da relação estabelecida entre o entrevistado e seu entrevistador”. Princípio que norteia sua análise de entrevistas por onde transitam os “atores que praticam o conhecimento acadêmico” e os “atores cotidianos”.

A terceira parte de seu trabalho é dedicada à análise das descrições de viajantes (relatos de viagem desde o século XV) e de guias de viagem, considerando substancialmente os relatos como um lugar que construiu um discurso do conhecimento que se significará de modos diversos nos diferentes “gêneros científicos” que hoje ocupam o lugar da ciência que diz sobre o urbano (etnográfico, geográfico, sociológico, estatístico).

Mondada, concluindo seu trabalho, explicita que sua empreitada tinha ainda um objetivo último, o de provocar o campo da Linguística no sentido de atentar para a cidade como um objeto que pode ser central, seja nos estudos das verbalizações do espaço ou nos estudos das falas urbanas. Interesse que, segundo a autora, é ainda embrionário, começando apenas a produzir análises que tematizem de modo explícito a pertinência do urbano. Ao contrário das Ciências Sociais que têm se dedicado há muito tempo a análises sobre o discurso da cidade, porém, como bem lembra a autora, sem dispor de instrumentos analíticos adequados para compreender o discurso. Para Mondada, as tentativas de diálogo entre os dois campos são ainda raras e é para tal que ela se propôs fazer este livro, trazendo análises linguísticas integradas a uma reflexão interdisciplinar. Em certo sentido, confluem-se disposições, já que desde 1995, no Brasil, pesquisadores na área da Análise

de Discurso têm se voltado a refletir sobre questões postas por uma área nova de conhecimento designada por Eni Orlandi de *Saber Urbano e Linguagem*.

Caberia também comentar que da perspectiva da Análise de Discurso (AD), os procedimentos de análise não seriam os mesmos adotados pela autora, o que não é um problema, já que a autora explicita desde o início que a complexidade do urbano e a questão das modalidades que o descrevem são analisadas através de uma abordagem que se funda na Análise da Conversação e na Análise Textual inspirada sobretudo na etnometodologia. Porém, é preciso observar que em diversos momentos Mondada traz para seu trabalho, enquanto objeto de análise, o que ela designa de “*discurso dos atores sociais*” que descrevem o urbano e, como procedimento de análise, a reflexão sobre “o modo como (estes atores) constroem *discursivamente* suas descrições”. Neste sentido se faz importante a observação para que não se incorra no equívoco de ler as análises de seu trabalho como fundamentadas na perspectiva teórica da AD, guardando as devidas especificidades deste seu trabalho vasto e conseqüente de pesquisa. Incurrendo nos percalços de uma empreitada interdisciplinar, este trabalho se marca pela coexistência de termos conceituais de diferentes perspectivas teóricas, o que pode

apresentar muitos destes termos de modo a serem compreendidos de maneira deslocada.

Sem dúvida alguma, uma das grandes contribuições das análises de Mondada é mostrar que a pluralidade de esquemas descritivos, suas dinâmica e complexidade processuais, correspondem, em seus termos, à polifonia característica da cidade, que acontece em vários níveis: nas estratégias descritivas, através dos esquemas estruturantes diferentes que se integram e se combinam; nas diferentes vozes, conflitantes ou justapostas, minoritárias ou hegemônicas, especializadas ou gerais; nas línguas múltiplas, em co-ocorrência em um mesmo lugar ou em lugares distantes, excluindo-se ou mesclando-

se. Em todos os casos, a urbanidade pode ser definida por um princípio de “hibridez”, que a estrutura de maneira plural, conferindo-lhe muitas ordens e inteligibilidades que se entrecruzam, se imbricam, se integram, em um mesmo espaço público, autorizando sua apropriação por atores heterogêneos, sua governabilidade através de convenções múltiplas, sua organização, através de esquemas de acesso, de frequência, de circulação diferentes. Esta pluralidade é a garantia de uma certa concepção e de uma certa prática da cidade definidas ao longo da capacidade de integração de várias lógicas descritivas, sem as reduzir a paradigmas discursivos homogêneos ou hegemônicos.